

Imagens da leitura: os significados de *Os Sertões* na leitura dos integrantes do Centro Cultural Euclides da Cunha, de Ponta Grossa/PR (1948-1952)

Ancimar Teixeira

Pós-graduado em História Cultural (Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, Irati/PR)

Resumo: O objetivo é compreender alguns dos significados construídos do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, pelos leitores do Centro Cultural Euclides da Cunha, da cidade de Ponta Grossa, Paraná, no período de 1948 até 1952. Nossas fontes constituem-se de artigos publicados no jornal "O Tapejara", veículo de comunicação da instituição.

Palavras-chaves: Leitura; Recepção; Significados; Centro Cultural Euclides da Cunha; *Os Sertões* (obra literária).

Abstract: The objective is to understand some of the meanings built in the novel *Os Sertões* by Euclides da Cunha, read by the members of the cultural center Centro Cultural Euclides da Cunha in the city of Ponta Grossa, Paraná, between 1948 and 1952. Our sources are originated in articles published in the newspaper *O Tapejara*, the institutional news source.

Keywords: Reading; Rec; Reader response; Meaning; Centro Cultural Euclides da Cunha; *Os Sertões* (Backland: the Canudos Campaign).

Resúmen: El objetivo es comprender algunos de los significados construidos del libro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, por los lectores del Centro Cultural Euclides da Cunha, de la ciudad de Ponta Grossa, Paraná, en el período de 1948 hasta 1952. Nuestros documentos constituyense de artículos publicados en el diario "O Tapejara", vehículo de comunicación de la institución.

Palabras-clave: Lectura; Recepción; Significados; Centro Cultural Euclides da Cunha; *Os Sertões*.

Introdução

Nosso estudo tem por fontes as atas das reuniões do Centro Cultural Euclides da Cunha (CCEC) e os artigos publicados pelos integrantes, de Ponta Grossa/PR, nas páginas do jornal *O Tapejara*, veículo de comunicação do referido centro.

O objetivo é perceber como a obra do escritor Euclides da Cunha foi recebida por alguns leitores de Ponta Grossa/PR, membros do CCEC, especificamente, aqueles que por meio de artigos deixaram indícios para que pudéssemos realizar nossas interpretações.

As atas das reuniões, além de nos auxiliarem para que alcancemos nosso objetivo, são fundamentais para que possamos situar a posição do CCEC no campo literário brasileiro. A documentação existente sobre o CCEC é bastante vasta, assim enfocamos o período que compreende entre 1948, data da criação do centro, até 1952. O recorte temporal foi realizado com base em nossas fontes, os artigos do jornal. Nesse período específico, verificou-se um maior número de artigos publicados, referentes às leituras realizadas por alguns integrantes daquela instituição.

O quadro teórico-metodológico que nos apropriamos é o da estética da recepção,¹ que concentra sua atenção na recepção do texto pelo leitor. A estética da recepção nos fornece o instrumental teórico para que possamos perceber a recepção do livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha por aqueles leitores, membros do CCEC.

Quanto à estrutura do texto, está organizada da seguinte maneira: em “Euclides da Cunha, o patrono do CCEC”, realizamos uma breve apresentação da história de Euclides, de sua obra e sua posição no campo literário do período em que escreveu. No subtítulo “O Centro Cultural Euclides da Cunha” refletiremos sobre o modo de organização da instituição. Depois de conhecermos um pouco da história do escritor e da instituição que lhe escolheu para como patrono, passaremos a compreender foi a recepção e quais significações foram construídas, resultantes da leitura, do livro do autor, em “A recepção de ‘Os Sertões’ pelos membros do CCEC”.

Passemos, então, para o primeiro momento do texto, onde apresentamos uma breve apresentação do Euclides da Cunha, destacando alguns importantes acontecimentos que marcam não só sua vida, mas também sua obra.

Euclides da Cunha, o patrono do CCEC

Os registros das leituras que foram deixados pelos integrantes do CCEC no período compreendido entre 1948 a 1952, bem como os indícios das significações construídas a partir delas, nos levaram a identificar uma leitura mais intensa da obra do escritor Euclides da Cunha, do que as obras de outros autores. Iniciemos conhecendo um pouco da história do autor escolhido para ser o patrono do CCEC, algumas das principais características de sua obra e o campo literário do qual ele fez parte.

Euclides da Cunha nasceu em 20 de janeiro de 1866, em Cantagalo, Rio de Janeiro.² O escritor, não se dedicou somente à literatura, exercia outras

¹ Regina Zilberman, *Estética da recepção e história da literatura* (São Paulo: Ática, 1989).

² Outras informações sobre a vida de Euclides da Cunha podem ser encontradas em Leopoldo M. Bernucci, *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995).

atividades profissionais, por exemplo, a de engenheiro, militar, professor e corresponde do jornal “Província de São Paulo.”³ O autor teve uma “formação positivista [com] a expansão do comtismo no Brasil.”⁴ Essas duas correntes de pensamento serviram de base teórica para sua obra.

O período no qual viveu Euclides foi marcado por acontecimentos históricos. Um dos mais importantes talvez tenha sido a proclamação da República Brasileira, acontecimento que provocou uma série de modificações, não só administrativas ou político-partidárias, mas também no cotidiano dos cidadãos brasileiros. Talvez as modificações daquele período tenham sido o estopim que desencadeou uma série de revoltas, entre elas a Guerra de Canudos, da qual Euclides participou como correspondente do jornal “O Estado de São Paulo.”⁵

Euclides foi republicano, “mantivera-se na sua vanguarda ativa, sempre fazendo alarde da sua fé no novo regime.”⁶ Acreditava que o país poderia seguir novos rumos com os novos dirigentes. Todo esse entusiasmo, aos poucos foi se arrefecendo e o que era uma esperança acabou por se tornar uma grande frustração, diante dos rumos que o novo regime foi assumindo. Euclides da Cunha mantivera durante toda a sua vida grande admiração pelo interior brasileiro, principalmente, pelo sertão, que lhe serviu de cenário para sua obra prima. Esse sentimento de filho da terra não escondia de ninguém, pelo contrário, “ele sempre se esforçou por deixar manifesta sua paixão telúrica de “filho da terra e perdidamente apaixonado dela”. Permaneceu eternamente fiel as suas origens interioranas, ao perdendo oportunidades para apresentar-se aos amigos como “filho da roça”, “caboclo” “jagunço manso.”⁷ Outro acontecimento que o autor presenciou e que influenciou na sua vida intelectual foi a mudança de paradigma ocorrida na passagem do século XIX para o XX. Foram “[...] dois tempos duas idades que se opunham pela própria raiz da sua identidade: o século XIX literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista”.⁸

O texto literário dividiu espaço com o científico na obra de Euclides, pois ele manteve “[...] vivos em si, com o mesmo calor, exatamente os dois mundos que se negavam um ao outro, que só poderia sobreviver um à custa da morte do outro”.⁹ Como veremos mais adiante, nos seus textos, o autor tentou intercalar

³ Mais tarde mudou-se o nome do jornal para “O Estado de São Paulo”, nome que mantém até hoje.

⁴ Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* (São Paulo: brasiliense, 1999), 120.

⁵ Podemos citar ainda a Guerra do Contestado e a Revolta da Chibata que ocorreram no período da Primeira República.

⁶ Sevcenko, 125.

⁷ Sevcenko, 137.

⁸ Sevcenko, 133.

⁹ Sevcenko, 133.

não só esses dois modelos o literário e o científico, como também percorreu alguns caminhos teóricos de outros saberes.

Euclides ganhou destaque no campo literário quando escreveu o livro *Os Sertões*, publicado em 1902. Baseado no conhecimento que adquiriu do sertão nordestino, brasileiro, por ter participado da Guerra de Canudos como correspondente, trouxe para as páginas literárias o cenário do sertão e a personagem do sertanejo. O livro foi reeditado várias vezes e traduzido para outros idiomas, como, por exemplo, para o espanhol e o italiano.

A obra publicada de Euclides, não é só composta pela ficção, embora pertença a esse gênero, percebe-se a presença de outros gêneros que enriqueciam a obra. Ela, “[...] distribui-se em cinco gêneros: historiografia, geografia, crônica, epistolografia e poesia, versadas todas em estreito consórcio com o comentário científico. Raramente Euclides praticou alguns deles em estado puro optando também aqui preferivelmente por uma combinação das formas.”¹⁰ O autor combinava em seus escritos esses gêneros de maneira que resultassem em um texto, que embora considerado literário, continha em suas linhas análises dos acontecimentos do período em que escrevia o autor. Esse “transitar” pelas áreas do conhecimento, que se percebe nas obras daquele período, inclusive na de Euclides, é uma característica do campo intelectual do período e pode ser compreendido pelo fato de que as fronteiras que delimitavam os saberes, naquele período, não estavam bem definidas.¹¹

Entre os gêneros nos quais se distribui a obra, o historiográfico tem presença marcante, encontram-se “desde referências expressas a eventos e processos locais, nacionais e internacionais, analisados nos seus níveis sociais, econômico, político e cultural, até reflexões sobre ciclos temporais e filosofia da história.”¹² O evento de Canudos é o exemplo mais fiel, da presença do gênero historiográfico na obra de Euclides da Cunha.

A análise do contexto social do período é outra característica da obra de Euclides. O autor preocupava-se com a realidade, é perceptível a “transparência de seus textos em relação à realidade dos fatos que animavam a ação social do período é quase que total. Esse realismo [...] presente é uma das características mais típicas de sua literatura e o afasta em proporção visível de seus confrades de pena, europeus ou nacionais.”¹³

¹⁰ Sevcenko, 134.

¹¹ Para exemplificarmos, basta pensarmos sobre os intelectuais que faziam parte do IHGB, instituto que tinha per objetivo compor a história brasileira. Nas suas fileiras encontravam-se intelectuais de várias áreas do conhecimento, não só historiadores. Para um maior conhecimento dessa questão: Cf.: Arno Wehling, *A Invenção da História: estudos sobre o historicismo*, (Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Niterói, Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994).

¹² Sevcenko, 133.

¹³ Sevcenko, 131.

Ainda, na obra de Euclides, o território brasileiro é dividido em três grandes regiões: o norte, a região Amazônica e o sul que abrange também os estados do sudeste. Na divisão operada pelo autor o norte é o

[...] ponto nevrálgico dessa organização, corresponde sua obra capital *Os Sertões*. O Sul centraliza os textos dos *Outros Contrastes e Confrontos*, da *Crônica* e dos relatórios sobre *A Ilha de Búzios* e *Os Fortes de Bertioga*. A primeira parte de *À margem da História*, (“Terra sem História”) e *O Rio Purus* representam o cerne de um trabalho sobre a Amazônia, que o autor pretendia mais extenso e decisivo, mas que a fatalidade interrompeu. As demais obras, *À Margem da Geografia*, *Fragmentos e relíquias*, *Contrastes e Confrontos* e as segunda e terceira partes *À Margem da História* (“Vários Estudos e “Da Independência à República”).¹⁴

Essa divisão realizada pelo autor influenciou na criação das personagens que aparecem nos seus livros. Nas obras em que o norte serve de cenário é marcante a presença de personagens inspirados nos sertanejos. No sul, quem serve de modelo são os bandeirantes e na região Amazônica, as personagens inspiram-se no seringueiro. Embora houvesse essa divisão em três regiões, o autor não as compreendia separadamente uma da outra, pelo contrário, a ideia de Brasil, de nacionalidade, expresso na obra, tinha por base o resultado do entrelaçamento dessas três regiões e dos personagens que nelas apareciam.

Na interpretação do autor, das personagens que construiu na sua obra, os que são inspirados nos sertanejos simbolizavam a nacionalidade. O autor “via no sertanejo a própria epítome da população brasileira: “o cerne de uma nacionalidade”, “a rocha viva de nossa raça.”¹⁵

A obra de Euclides, com essas principais características circulou nos meios mais seletos da sociedade. O grupo de intelectuais, ao qual pertenceu Euclides que tinha a presença marcante do barão do Rio Branco e que era um dos grupos pertencentes ao campo literário do período, frequentava a livraria Garnier. Essa livraria “era o reduto dos consagrados.”¹⁶ Se a livraria era considerada o lugar dos consagrados, esse fato é um indício para que possamos perceber qual a posição que Euclides ocupava no campo literário.

Entendemos por campo, nos apropriando do entendimento que faz dele Bourdieu, para ele o campo pode ser entendido como “um espaço social de relações objetivas.”¹⁷ As relações existem entre indivíduos que poderiam

¹⁴ Sevcenko, 136-7.

¹⁵ Sevcenko, 139.

¹⁶ Sevcenko, 119.

¹⁷ Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*, (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007), 64.

compartilhar de um mesmo estilo, de uma mesma profissão, e, no nosso caso, de leituras, especificamente do livro de Euclides.

No campo, entendido como espaço social e também cultural, os membros estabelecem uma série de normatizações que regem as relações existentes entre si. Em um campo, pode ser verificada, por exemplo, “as relações de permuta linguística que se especificam segundo a estrutura das relações entre os capitais linguísticos ou culturais dos interlocutores [dos integrantes ou membros] ou dos seus grupos.”¹⁸

O conceito de campo nos permite ainda, “descrever e definir a forma específica de que se revestem, em cada campo, os mecanismos os conceitos mais gerais. [...] apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta [o campo] do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se jogam.”¹⁹

E ainda ele pode nos ajudar a esclarecer e compreender quais os significados que os leitores de Ponta Grossa construíram da leitura do livro de Euclides, pois aqueles significados, com base no conceito de campo, podem ser compreendidos como os que estavam vigentes no campo literário do período.

No campo literário do período algumas instituições serviam de divisor de águas para identificar se um determinado autor possuía uma posição dominante ou dominada na produção literária. Entre elas, estava como indicamos acima a livraria Garnier, identificada por Secvenko, como o reduto dos clássicos.

Outra instituição era a Academia Brasileira de Letras (ABL) com número finito de participantes, constituía-se em uma instituição bastante seleta. Ainda mais importante era o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que tinha desde a sua criação, em 1838, a tarefa de compor a história da nação brasileira. Em suas fileiras se encontravam muitos dos intelectuais companheiros de pena de Euclides da Cunha. As relações do grupo “com o barão do Rio Branco eram as melhores possíveis. Ele [Euclides] juntamente com Joaquim Nabuco, Graça Aranha e Machado de Assis, frequentavam o círculo literário encabeçado pelo chanceler [Rio Branco] na Livraria Garneir.”²⁰

Aqueles intelectuais que encontravam espaço naquelas instituições situavam-se em uma posição dominante no campo literário em relação aos outros integrantes. Um dos meios pelos quais um integrante pode passar a ocupar um lugar de destaque no campo literário era, no nosso caso, ser membro do IHGB ou da ABL. Euclides da Cunha foi membro daquelas duas instituições, portanto, a posição que ocupou foi a de dominante.

¹⁸ Boudieu, 68-9.

¹⁹ Bourdieu, 69.

²⁰ Secvenko, 124.

O fato de Euclides ter ocupado uma posição dominante, no interior do campo literário, do período, pode ter contribuído para a inserção de uma nova lógica de percepção da representação da nacionalidade brasileira, que na proposição do autor, baseava-se na personagem do sertanejo. A exaltação da personagem do sertanejo foi percebida pelos leitores do CCEC, na leitura que realizaram do livro do autor.

Os Sertões, de Euclides, não foi só a proposição de um novo modelo para se pensar as bases da nacionalidade do povo brasileiro, mas foi também a inserção de uma nova lógica de funcionamento do campo literário que deslocou o foco da questão para a personagem do sertanejo, que até aquele momento, não aparecia nas páginas literárias.

Também o período foi de transformações políticas muito importantes o que pode ter contribuído para que a lógica até então existente no campo literário tenha se modificado. No advento da Nova República uma obra que repensasse as bases da nacionalidade, tendo como referência uma nova personagem, o sertanejo, como fez Euclides, é, no mínimo, interessante, já que se pretendia inovar em relação ao antigo regime monárquico.

O fato é que Euclides depois de publicar *Os sertões* passou a ser membro do IHBG e também da ABL. É visível que sua posição dentro do campo literário brasileiro ascendeu a uma posição dominante. Esse fato fez com que o autor conquistasse leitores não só dentro do campo literário, os seus pares, como em toda a sociedade. Entre esses leitores estavam os do CCEC, da cidade de Ponta Grossa.²¹

O Centro Cultural Euclides da Cunha

O CCEC foi fundado em 1948²² e esteve em atividade até meados de 1980, era composto por quarenta membros efetivos com o mesmo número de suplentes. Havia também a categoria de integrante “contribuinte”, de número ilimitado, estes podendo elevar-se a “categoria” de efetivos, conforme a disponibilidade de vaga e mediante eleição.

²¹ A leitura do livro de Euclides influenciou outros escritores, entre eles Mário Vargas Llosa, que escreveu um romance inspirado na leitura que realizou. O romancista escreveu sobre a Guerra de Canudos. Para quem desejar mais informações, pode ler: Mario V. Llosa, *A guerra do fim do mundo: saga de Antonio Conselheiro na maior aventura literária do nosso tempo*, (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982).

²² Referentes às questões que envolvem a criação do CCEC, ver Enio T. Wanke, *Faris Michaele o tapejara: uma biografia* (Rio de Janeiro: Edições Plaquete, 1999), 96-102. Também Carmencita de H. M. Ditzel, “O arraial do Pitangui: o Centro Cultural Euclides da Cunha de Ponta Grossa.” *Revista de História Regional*; C. L. L. Sahr, org., *Espaço e cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais* (Ponta Grossa: UEPG, 2001), 211-227.

Outro tipo de sócio existente era o “correspondente”, esses trocavam correspondência com a instituição. As correspondências remetidas ao centro eram endereças, principalmente, à pessoa que estivesse exercendo o cargo, ou de presidente, ou o de secretário. Depois de recebidas, as correspondências eram lidas nas reuniões do CCEC, que realizavam-se com certa frequência. Somando-se as reuniões ordinárias, as extraordinárias, as da diretoria e as que contavam com a participação de um número maior de membros, chegou-se à frequência de uma reunião por mês.

Nas reuniões, eram decididos os rumos da instituição, como por exemplo, a divisão das atividades entre os membros efetivos. O registro da reunião realizada a 6 de junho 1957, nos oferece uma noção das atividades desenvolvidas. Na ocasião, os membros “Pedro Pereira Martins e Gal. Murillo Teixeira de Barros sugeriram que, na próxima “Semana Euclidiana”, a transcorrer em agosto, fossem realizadas várias conferências.”²³ Outras atividades do centro, constituíam-se, de, por exemplo,

Realização de cursos, conferências, palestras e reuniões de fundo cultural. Divulgação de obras científicas, literárias e artísticas e artigos sobre instituições culturais brasileiras e de outras repúblicas americanas. Impressão de jornal, destinado a tal fim. Organização de uma biblioteca e sala de leitura. Instituir, periodicamente, maratonas intelectuais [...] estimular o gosto pelas letras.²⁴

As datas como o aniversário de nascimento, de falecimento de Euclides e a do cinquentenário de seu livro mais relevante, *Os Sertões*, foram datas importantes do calendário do centro. Alguns artigos escritos por ocasião da comemoração do cinquentenário da obra do autor, na “Semana Euclidiana”, de 1952, nos forneceram alguns indícios das significações da obra, construídas por aqueles leitores, como poderemos perceber mais adiante, quando refletirmos sobre os artigos escritos por aqueles leitores.²⁵

Outro importante trabalho que realizavam os membros do CCEC era a edição de um jornal, que se constituía no veículo de comunicação do centro, o *Tapejara*.²⁶ Naquele jornal, eram publicados artigos relacionados a assuntos culturais, tais como: poesias, seminários realizados pelo CCEC, encontros, lançamentos de livros entre outros. Questões relacionadas aos indígenas,

²³ Ata da reunião da diretoria do Centro Cultural Euclides da Cunha de 6 de julho de 1957.

²⁴ Capítulo I, “Da Sociedade – seus fins”, art. 2º, dos Estatutos do Centro Cultural Euclides da Cunha. Ponta Grossa, setembro de 1948.

²⁵ No subtítulo seguinte refletiremos sobre os artigos.

²⁶ Diz-se do indivíduo que conhece bem o território, seus caminhos e atalhos e serve de guia nas viagens. No sul do Brasil, principalmente, no Rio Grande do Sul, a palavra tem significado de bom timoneiro, de corajoso, destemido, valente, guapo. Cf.: Dicionário Michaelis, versão on-line <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portuguesportugues&palavra=tapejara>

também foram publicadas no jornal, como, por exemplo, estudos sobre a língua, reflexões e comemorações daqueles povos. Artigos sobre a obra de Euclides encontram-se em grande número.

Dentre os artigos publicados no “Tapejara”, além dos que eram escritos pelos intelectuais, de Ponta Grossa e municípios do Paraná, membros do CCEC, havia os que eram enviados de outros estados do Brasil e até mesmo de outros países, principalmente, dos países Latino-Americanos. Além das reuniões, da publicação do jornal e das atividades organizadas pelos seus membros, o CCEC foi

referência na história cultural da cidade, um lugar onde os escritores, poetas, jornalistas, radialistas, professores e estudiosos em geral, ou seja, os que tinham algo haver com o estudo, a literatura e sua difusão em Ponta Grossa tinham um refúgio, um local para se reunir, discutir os assuntos, manter a amizade e a chama da camaradagem viva. Ou então, simplesmente, consultar um livro – o que era bastante frequente.²⁷

Todas essas atividades eram organizadas de acordo com um modo bastante específico do qual o centro foi herdeiro. O modelo de organização adotado pelo CCEC mantinha “alguns critérios e rituais similares aos do IHGB e da Academia Brasileira de Letras.”²⁸ Essas duas instituições, das quais o CCEC herdou o modelo de organização, tinham entre seus principais objetivos, pensar a nacionalidade do povo brasileiro.

Essa questão relacionada à nacionalidade do povo brasileiro, também foi desenvolvida pelo centro e boa parte de suas atividades estiveram relacionadas a ela, iniciando pela escolha do seu patrono. Esclarecem que, no entendimento que possuíam, Euclides da Cunha foi quem escreveu “o livro que abordou, com mais proficiência, todos os problemas de base da nacionalidade foi “Os Sertões” [sic] de Euclides da Cunha motivo pelo qual foi o autor colocado como nosso patrono.”²⁹

Constituído o centro e escolhido o patrono, o CCEC passou a fazer parte do campo literário brasileiro. Colocando-se sob a “proteção” de Euclides da Cunha e passando a ser fiel ao culto de sua obra, escolheu também uma posição dentro daquele campo, qual seja: a do grupo dominante. Entendemos que a posição que assumiu o CCEC foi a de compactuar com o grupo dominante, pelo fato, de como expomos a cima, Euclides, ter sido membro de duas das mais importantes instituições de seu tempo, o IHGB e a ABL. Esse fato, no mínimo, resultou que sua obra passasse a figurar entre aquelas de maior relevância no campo literário brasileiro.

²⁷ Eno T. Wanke, *Faris Michaele, o tapejara: uma biografia*, (Rio de Janeiro: Edições Plaque, 1999), 99.

²⁸ Ditzel; Sahr, 216.

²⁹ Sahr, 213.

n:O CCEC, membro do campo literário, passou a ter um relacionamento com outras instituições, que como ele, cultuavam, principalmente, a obra de Euclides, como, por exemplo, a “Casa de Euclides”³⁰ com a qual o CCEC parece ter tido fortes laços, conforme foi registrado em ata de uma das reuniões:

Pelo Snr. Presidente, [do CCEC] foi proposto que se telegrafasse a São José do Rio Pardo, apresentando congratulações pela realização da Semana “Euclidiana”. Por outro lado lembrou o dever desta entidade cultural, de realizar palestras [...] durante a mesma semana, publicando também artigos, na imprensa local, relacionados com a vida e obra de Euclides da Cunha.³¹ Nas palestras que se propôs para a “Semana Euclidiana” daquele ano de 1958, como percebemos na citação a cima, os membros do CCEC provavelmente tenham exaltado ainda mais a obra de Euclides que entre outras qualidades, na percepção baseadas nas leituras que realizaram dos livros do escritor, construíram uma imagem do autor possuidora das seguintes qualidades: Lealdade, a firmeza, a convicção, a luta por ideais, a força de caráter. Seu compromisso com a nação brasileira é ressaltado. O autor de “Os Sertões” é apresentado como [...] protagonistas de fatos marcantes da passagem do século: [do XIX para o XX] a luta pela abolição da escravatura, o movimento republicano e as profundas transformações sociais do período [...] [em que viveu Euclides].³² Essas questões provavelmente tenham influenciado as atividades, nas quais estiveram envolvidos os membros do CCEC. Também, possivelmente tenha influenciado na atividade relacionada à realização de leituras da obra de Euclides, o que tentaremos perceber mais adiante, quando nos centrarmos nas leituras de alguns integrantes do CCEC.

A leitura foi uma atividade bastante incentivada pelos membros do CCEC, eles mantiveram uma biblioteca, ela era uma “das finalidades do Centro – a organização de uma biblioteca – [que] demonstra [va] claramente a preocupação do grupo com a difusão da cultura, pois, para tanto, o hábito de ler é essencial.”³³ A constituição do acervo, conforme pudemos perceber, se realizou - além de aquisição por compra -, por meio do recebimento de doações de livros e até mesmo pela doação de bibliotecas particulares inteira, enviadas à biblioteca do centro.

Grande parte dos livros recebidos “para o acervo eram lidas e discutidas,”³⁴

³⁰ A “Casa de Euclides” era uma instituição que tinha em comum com o CCEC o culto da obra e mesmo da memória do escritor.

³¹ Ata da reunião realizada no dia 02 de agosto de 1958. Nessa ocasião o CCEC estava telegrafando e mandando congratulações pela “Semana Euclidiana” que ambas as instituições comemoraram, aquele em São José do Rio Pardo e esta, em Ponta Grossa.

³² Regina Abreu, “Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados,” *Estudos Históricos* 14 (1994): 217 apud Ditzel, 218.

³³ Ditzel, 220.

³⁴ Ditzel, 200.

nas reuniões do centro. Ao longo do tempo em que a instituição esteve em atividade, os membros do CCEC, organizaram uma biblioteca bastante expressiva, que orgulhava os membros, como podemos perceber nos registros de uma das reuniões: “Em relação à Biblioteca, soubemos que consta já de quase 6.000 volumes, conseguidos por compra e através de donativos.”³⁵

A existência da biblioteca, com “quase 6.000 volumes” nos fornece indício contundentes para podermos compreender que a leitura era, além de praticada, bastante valorizada, pelos membros do CCEC.

A leitura enquanto diversão, aquela para distrair o leitor, para lhe proporcionar alegria e outras emoções, parece ter sido praticada pelos membros daquela instituição, como podemos perceber no texto de um dos membros e leitores daquele período, Eno Theodoro Wanke. Segundo ele, “O centro estava diariamente aberto, e sua grande e rica biblioteca estava sempre funcionando para quem quisesse estudar ou simplesmente se divertir lendo.”³⁶

Um dos livros mais lidos, analisados e debatidos foi *Os Sertões*. Inclusive da leitura realizada dos livros do autor é que se decidiu pela escolha do patrono da instituição.

Com base no que até o presente momento expomos e refletimos, a admiração ou exaltação da obra do escritor dificilmente não tenha interferido na construção dos significados e na recepção do texto. Mas aí nos questionamos, será essa mesmo a única leitura que se realizou de *Os Sertões*? Será que o pacto de leitura estabelecido pelos membros do CCEC, não pode ter sido transgredido? E qual a imagem do escritor Euclides, com base nas leituras dos membros do CCEC, pode ter sido construída?

São essas questões que daqui por diante, tendo por base as impressões de leituras de alguns dos membros da instituição, que passaremos a focalizar na tentativa de construirmos nossas interpretações.

A recepção de “Os Sertões” pelos membros do CCEC

Antes de passarmos à análise das leituras recordemos alguns fatos importantes que percebemos até o presente momento referente à obra de Euclides da Cunha. *Os Sertões* trouxe à cena a personagem do sertanejo e a realidade do sertão nordestino, que serviu de cenário para ela. O livro embora sendo uma obra literária, transitava por outros gêneros, como a história e a sociologia. Ela foi escrita quando havia uma grande preocupação em tentar identificar a nacionalidade do povo brasileiro. Essas questões são importantes,

³⁵ Ata da reunião realizada em 15 de dezembro de 1974.

³⁶ Eno T. Wanke, *Faris Michaele, o tapejara: uma biografia* (Rio de Janeiro: Edições Plaquette, 1999), 100.

pelo fato de estarem explícita ou implicitamente incutidas no contexto da leitura do referido livro.

Para refletirmos sobre a leitura, nos apropriamos aqui das proposições teórico-metodológicas propostas pela estética da recepção, que concentra sua análise no que se refere a como um determinado livro foi recebido pelo público leitor de um determinado período. Dois atores são importantes no ato da leitura. Para a estética da recepção são fundamentais o autor – incluindo aqui o trabalho de edição - e o leitor.

Autor e leitor estão separados no tempo e no espaço, desse fato resulta a primeira consideração da estética da recepção, ela considera a leitura uma ação deferida, porque “recebido fora de seu contexto de origem, o texto se abre para uma pluralidade de interpretações: cada leitor novo traz com si sua experiência, sua cultura e seus valores de sua época.”³⁷ Assim, podemos perceber que as significações, que podem ser construídas, tendo por base a leitura de um texto, podem ser infinitas. A maneira com que os leitores recebem o texto foge do controle daquele que o concebeu e o editou.

O autor quando escreve seu texto tenta por meio das estratégias que ele dispõe orientar a leitura do mesmo, um exemplo, são os prefácios e as introduções. Nesses espaços o autor tenta conceder a fórmula exata para que seu texto não seja compreendido de uma maneira totalmente diferente daquela que ele imaginou ao escrevê-la. Por mais que o autor tente disciplinar a leitura de seu texto, ela é autônoma, cada leitor relaciona-se com o texto de maneira diferente, traz consigo experiências muito diversas umas das outras. Outra questão é que cada leitor ao ler uma obra realiza um processo de atualização da mesma. Traz para o presente as questões que ela suscita referindo-se a outro contexto. Esse processo aparece no nosso caso, *Os Sertões* foram publicados em 1902, o CCEC foi fundado em 1948, e a maioria dos artigos que estamos analisando foram publicados em 1952. Portanto, temos um intervalo de tempo considerável. E dessa maneira, podemos entender que a leitura dos membros do CCEC é uma leitura que faz uma atualização da obra em questão.

Outra consideração necessária é entendermos que a “leitura é antes de mais nada é um ato concreto, observável, que recorre a faculdades definidas do ser humano. Ler é anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção de identificação e de memorização dos signos”³⁸ e

³⁷ Vincent Jouve, *A leitura* (São Paulo: Editora UNESP, 2002), 24. Jouve utiliza a expressão de Paul Ricoeur, para exemplificar sobre a construção do sentido pelo leitor, tendo por base um texto. No entendimento de Ricoeur, a construção do sentido é um acontecimento que realiza-se, pelo menos, de quatro maneiras: pela fixação, que faz escapar do desaparecimento; pela dissociação, que faz escapar da intenção mental do autor; pela abertura sobre um mundo, que o arranca dos limites da situação do diálogo; pela universalidade de uma audiência ilimitada.

³⁸ Jouve, 17.

podemos acrescentar ainda que ela envolve nossos sentidos, desperta emoções, nos faz crer ou descreer, mudar nossa opinião, nos faz rever nosso posicionamento em relação a algo e nos faz pensar.

Se a leitura pode ser considerada uma operação de percepção e identificação, temos que considerar a identificação existente entre os leitores do CCEC e a obra *Os Sertões*. Essa identificação pode ser percebida por meio de “algumas facetas da obra,”³⁹ que marcaram a recepção dela, por aqueles leitores, assim como as significações construídas por eles.

Com base na leitura que realizou da obra, Cyro Ehlake, no artigo que escreveu para o jornal do centro, afirmou que a obra significava um “manancial de verdades.”⁴⁰ Embora o gênero ao qual pertencesse o livro fosse o literário, que tem a ficcionalidade por base, os significados construídos por Cyro, do livro, *Os Sertões*, evidenciam uma concepção de texto sagrado, possuidor de verdades.

As verdades que o texto possuía, no entendimento daqueles leitores, seria a chave da resolução dos problemas que, no Brasil, perduravam desde o período em que foi escrito o livro. Referente ao autor, “valiosa é a contribuição científica de suas obras para a solução de nossos problemas sociais!,”⁴¹ principalmente, a obra, *Os Sertões*.

O livro, *Os Sertões* foi um dos livros clássicos da literatura brasileira, o que talvez tenha influenciado na significação dos leitores. Como possuidor de verdade, o livro estaria acima de toda e qualquer crítica contra ele. Aliás, críticas, no sentido de apontar defeitos ou erros, não tiveram lugar nos artigos que estudamos.

A obra foi recebida como uma obra “consagrada do grande escritor brasileiro, e uma confirmação de que as leituras difíceis muito contribuem para a elevação do nível cultural de um povo.”⁴² A leitura dela, como observa o leitor, era difícil, talvez por ela conter a verdade, como declarou seu companheiro acima. Embora sendo de difícil leitura, o leitor continuou lendo-a: “iniciei a leitura. Comecei pelas explicações das notas preliminares. Estas duas páginas que denunciavam a posição científica.”⁴³

Outra descoberta foi realizada pelo leitor, que depressa compreendeu que, para poder melhor apreciar *Os Sertões*, ele e os outros leitores “precisava[m] cultura e dicionário para ler.”⁴⁴ Essa dificuldade relatada pelo

³⁹ Cyro Ehlke, “Euclides da Cunha e sua obra,” in *Tapejara*, set. 9.

⁴⁰ Ehlke, 9.

⁴¹ Estevão Z. Coimbra, “Euclides da Cunha,” in *Tapejara*, mar. 11.

⁴² João A. Pereira, “Como conheci Euclides,” in *Tajera*, set. 1

⁴³ Pereira, 1.

⁴⁴ Pereira, 1.

leitor é uma das exigências identificadas pela estética da recepção, no ato da leitura. Porque “a leitura solicita uma competência.” O texto coloca em jogo um saber mínimo que o leitor deve possuir se quiser prosseguir a leitura.⁴⁵ Se o leitor não possui esse saber mínimo, como é o caso do leitor que descreveu seu primeiro contado com o livro de Euclides, a leitura torna-se mais difícil e o leitor fica mais propenso a entendimentos equivocados.

Além de verdades, o livro, no entendimento dos integrantes do CCEC também era possuidor de cultura, pois como aquele leitor escreveu, as leituras contribuem para elevação cultural de um povo, principalmente as difíceis.⁴⁶ Mas não foi só a narrativa científica que foi percebida nas páginas do livro, “Os Sertões, [são] fontes de onde nascem e correm mananciais de idéias, e, ao mesmo tempo, um imperioso convite ao estudo da extensa bibliografia que substancia tais trabalhos.”⁴⁷ Referências de que a obra era possuidora de ideias também foram percebidas por outro leitor, para ele, em *Os Sertões*, não existia propriamente obscuridade. Há um tumultuar de idéias, agitadas, que cascateiam na cintilação de um temperamento mórbido [sic]. Diriam loucura talvez! A loucura dos gênios, a divina loucura que leva a posteridade. Bendita a nevropatia [sic] se ela é inspiradora de obras imortais. Só o gênio, só o talento é que, realmente, escreve para a posteridade.⁴⁸ Se continha idéias, deveria a obra ser legada à posteridade, mas não como um simples livro, e sim como monumento. Vemos aí outra significação que adquire a obra, a de monumento. “Euclides brindou o mundo literário de língua portuguesa com um monumento granítico de observação estética de pensamentos e sentimentos humanos.”⁴⁹

Como monumento a obra teria que ser enaltecida, cultuada, conforme faziam os membros do CCEC. O livro como monumento, se pensarmos, por exemplo, em uma estátua, num obelisco, feitos de rocha, só teriam o incumbência de lembrar algo, de marcar um determinado acontecimento. Porém, no entendimento que faziam de monumento não estavam excluídos os sentimento, que o livro carregava em suas páginas.

Referente à obra, significada como um monumento, os escritos de Le Goff, nos auxiliam no entendimento do que é um monumento. Para Le Goff, “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos.”⁵⁰ O monumento, compreendido dessa maneira,

⁴⁵ Jouve, 19.

⁴⁶ Para um melhor entendimento sobre o conceito de cultura ver Roger Chartier, “‘Cultura popular’: revisitando um conceito historiográfico,” in *Estudos Históricos: Cultura e História Urbana* 16 (1995): 179-192.

⁴⁷ Pereira, 1.

⁴⁸ Meira de Angelis, “Que pensa o Sr. De Euclides da Cunha,” in *Tapejara*, set. 12-13.

⁴⁹ Pereira, 1.

⁵⁰ Jacques Le Goff, *História e Memória* (São Paulo: Editora da Unicamp, 1996), 535.

atua para, principalmente, perpetuar uma recordação do passado, de um acontecimento, por exemplo.

O monumento ainda, “Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.”⁵¹ No nosso caso, a obra de Euclides, entendida como monumento, que tem por objetivo perpetuar a recordação de acontecimentos passados, poderia, no entendimento daqueles leitores, desempenhar a função de recordar os feitos realizados pelos sertanejos. Não podemos esquecer que o autor vivenciou o conflito no qual os sertanejos estiveram envolvidos.

Se a obra desempenhava a função de recordar, por um lado, por outro, contribuiria para manter viva a imagem do sertanejo, construída pelo autor. E nesse processo, os leitores, do CCEC, foram fundamentais, pois, por meio da leitura, compartilharam, cultivaram e perpetuaram a imagem concebida, por Euclides, principalmente, do sertanejo, nordestino, brasileiro.

Na perpetuação da imagem do sertanejo, por exemplo, podemos perceber que autor utilizou-se de estratégias. Uma delas, como percebeu um dos leitores, pode ter sido a de despertar em seus leitores sentimentos complacentes para com os personagens, como poderemos perceber mais adiante, um dos leitores identificou o personagem do sertanejo, como sendo seu “irmão nordestino.”

A estética da recepção considera as emoções e os sentimentos envolvidos na recepção da leitura. E, tais sentimentos se fizeram presentes na recepção da obra de Euclides. Como já mencionamos, o autor introduziu nas páginas literárias a personagem do sertanejo, relatando ou se inspirando na batalha da Guerra de Canudos, da qual participou como correspondente.

Os leitores do CCEC, que escreveram sobre suas leituras, nos forneceram indícios de como perceberam alguns sentimentos, que segundo eles, estavam presentes no texto de *Os Sertões*. Um dos sentimentos diz respeito à dor do sertanejo, que foi sentida quando da leitura do livro. Euclides, por meio da escrita, “transladou para o papel a dor do sertanejo. Com os olhos do pensamento e da grande alma de brasileiro [transmitiu] o sofrimento daqueles nossos irmãos mártir.”⁵²

Esse registro da leitura que conseguiu perceber e até mesmo sentir a dor, por meio da leitura, não foi um único caso, um caso isolado. Outro leitor registrou que a leitura de *Os Sertões*, “assinalaram nos meus sonhos de conhecimento.”⁵³ Para a estética da recepção, a leitura é considerada como

⁵¹ Le Goff, 548. Ainda sobre a construção de sentidos, dos discursos indicamos a seguinte obra: Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007).

⁵² Thiago G. de Oliveira, “Euclides da Cunha e o sertão nordestino,” in *Tapejara* set. 1952, 12.

⁵³ Pereira, 1.

algo muito além de um simples decodificar de sinais, as emoções têm papel importante no ato da leitura e na recepção que fazem do texto os leitores.

Em alguns casos, “se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez sobre tudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura é porque elas [as leituras] provocam em nós admiração, piedade, riso ou simpatia que as personagens romanescas despertam nosso interesse.”⁵⁴

Quando a leitura de uma determina obra consegue penetrar nos sentimentos dos leitores, exerce uma forte persuasão e os leitores são atraídos por ela. “O papel das emoções no ato da leitura é fácil de se entender: prender-se a uma personagem é interessar-se pelo que lhe acontece, isto é, pela narrativa que a coloca em cena”⁵⁵ No nosso caso, a obra é *Os Sertões* e a personagem é o sertanejo. Personagem, com o qual os leitores se interessaram, se identificaram e cultivaram admiração, podemos até arriscar dizer que o respeitaram. Uma advertência muito importante nos faz Jouve, a respeito do emocional, dos sentimentos que envolvem o ato de leitura, ele nos adverte que, “querer expulsar a identificação – e conseqüentemente o emocional – da experiência estética parece algo condenado ao fracasso.”⁵⁶

A identificação dos leitores seja com uma personagem, com o tema, ou ainda com a forma como o autor se expressa, pode refletir na recepção que a obra terá perante os leitores. A identificação é uma das estratégias que pode ser utilizada pelos autores para despertar o interesse dos leitores em relação à sua obra. Também, pode servir para induzir os leitores na construção de sentidos. Ou ainda pode ter a finalidade de tentar disciplinar a leitura tentando fazer com que se preste mais atenção em um determinado aspecto da obra e não em outros.

Outra significação que foi construída da obra é a de ela ser percebida como uma epopeia. A obra foi recebida da seguinte maneira: “É como se fora uma epopéia em prosa. Por isso, e por tudo mais, e por que fiquei conhecendo melhor o meu irmão do norte eu considero Euclides como um legítimo escritor nacional, no seu verdadeiro sentido.”⁵⁷ A epopeia da qual se refere o leitor, é a dos sertanejos, que lutando, primeiramente contra a natureza, o clima e todas as outras intempéries para sobreviver; em segundo, por ocasião do conflito, lutando contra o exército republicano.

E na epopeia composta pelo autor destacavam-se a personagem do jagunço nordestino, que, como já se evidenciou, ganhou as páginas dos livros literários com maior representatividade, depois que *Os Sertões* foi publicado.

⁵⁴ Jouve, 19.

⁵⁵ Jouve, 20.

⁵⁶ Jouve, 20.

⁵⁷ Angelis, 13.

Para os leitores do CCEC, “os Sertões nos dão a impressão real de que, o jagunço brasileiro é algo de surpreendente, de notável, mercê a uma capacidade de resistência ao sofrimento, a fome, ao tempo à destruição da guerra.”⁵⁸ E ainda, “Os Sertões de Euclides evidenciam a raça dos jagunços invencíveis na guerra, escrevendo, com sangue façanhas inconfundíveis, inigualáveis.”⁵⁹

Como podemos perceber, aqueles leitores conseguiram quase ver, como se fosse real, a personagem do jagunço descrito pelo autor. Euclides ainda, “cria”, na significação daqueles leitores, uma “raça”, a dos jagunços, que são caracterizados como heróis, não só do nordeste ou do conflito de Canudos, como da nação brasileira. Os textos permitem que os leitores realizem a leitura e construam suas interpretações, porém, nem toda leitura e interpretação são autorizadas pelo texto. Assim, “a recepção é, em grande parte, programada pelo texto. Dessa forma, o leitor não pode fazer qualquer coisa. [o leitor] (...) deve identificar o mais precisamente possível as coordenadas do autor.”⁶⁰ No caso específico de *Os Sertões*, as coordenadas para uma interpretação coerente do livro, que fornece o autor, são os assuntos que permeiam a batalha de Canudos, a realidade do sertanejo.

Mesmo existindo essas coordenadas, houve, por parte de alguns leitores do CCEC, uma recepção e significação bastante específica, um leitor conseguiu ler em um texto literário, como foi considerado *Os Sertões*, uma obra de medicina legal. Já no início do artigo que o leitor escreveu, não identifica a obra como pertencendo ao gênero literário, mas como “grande estudo sociológico e ecológico que representam os sertões, não poderiam faltar observações ligadas à medicina e a biologia humana.”⁶¹ E não foi a única caracterização identificando a obra com a Sociologia, outro leitor considera que Euclides, foi “o primeiro grande ensaísta da sociologia regional brasileira. E não é ele daqueles que baralham as causas dos fenômenos sociais brasileiros, mas concorreu grandemente para nossa inteligência como um criador inigualável.”⁶²

Na seqüência, do artigo, Justus, faz uma citação⁶³ de *Os Sertões*, e nela consegue diagnosticar uma doença, por meio da leitura que realizou, que acometia

⁵⁸ Angelis, 13.

⁵⁹ Angelis, 13.

⁶⁰ Jouve, 26.

⁶¹ Lauro Justus, “Os Sertões e a medicina,” in *O Tapejara*, dez. 1950, 8.

⁶² Coimbra, 11.

⁶³ É a seguinte parte que foi cita pelo leitor: “Nem sempre, porém, pode aventurar-se à força pode aventurar-se à façanha arriscada. Uma moléstia extravagante completa a sua desdida [sic] – a hemeralogia. Essa falca segueira é paradoxalmente feitas pelas reações da luz; nasce os dias claros e quentes, dos firmamentos fulgurantes, do vivo ondular dos lares em fogo sobre a terra nua. É uma pletora do olhar. Mal o sol se esconde no poente a vítima nada mais vê. Está cega. A noite afoga-a de súbito, antes de envolver a terra. E na manhã seguinte a vista extinta lhe revive, ascendendo-se no primeiro lampejo do levante, para se apagar, de novo, à tarde, com intermitência dolorosa”. Não há, por parte dele, indicação da página.

os sertanejos. Para ele, Euclides não escreveu só um texto literário, mas foi além, e, principalmente, no segundo capítulo, “Em poucas e brilhantes palavras, é descrita a sintomatologia da moléstia visual designada como hemeralogia, [sic] ou cegueira noturna.”⁶⁴

A leitura bastante específica daquele leitor lhe proporcionou a identificação e significação de outras partes do texto com a medicina. Outra observação: afirmou que a obra possuía importantes informações, referente à “à fisio-patologia [sic] humana, é a que se lê no início do mesmo capítulo segundo, quando o autor delinea a influência que o calor úmido exerce sobre o organismo.”⁶⁵ Assim o segundo capítulo de *Os Sertões* por envolver em suas páginas assuntos “sobre a conservação dos cadáveres:”⁶⁶ constituir um excelente capítulo de medicina legal.⁶⁷

Além de ser significada como uma obra de medicina legal, outra apropriação e construção de sentido, não poderia passar despercebida. *Os Sertões*, além de enaltecer a personagem do sertanejo, nordestino, brasileiro, foi considerada por Cyro, um dos leitores, membro do CCEC, como “obra máxima da literatura indígena.”⁶⁸

No artigo que escreveu, Justus conseguiu interpretar que a obra de Euclides, principalmente o segundo capítulo, podia ser lido e compreendido como um capítulo de uma obra de medicina legal. Esse é um dos sentidos que puderam ser construídos, tendo por base a leitura de um texto, *Os Sertões*. Para refletirmos sobre o sentido e como ele é construído pelo leitor, a estética da recepção afirma que

O sentido que se tira da leitura (reagindo em face da história, dos argumentos propostos, do jogo entre os pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui. Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo.⁶⁹

A ação da dimensão simbólica, que por sua vez opera na construção dos sentidos de um determinado leitor, é, em parte, responsável também pela recepção do texto. A construção de sentido que um determinado leitor realiza, resulta, dentre outras coisas, do contexto cultural, no qual ele se situa. Uma mesma obra lida por leitores situados em contextos culturais diferentes adquire sentidos e significados diversos. A recepção, portanto, pode ser diferente em cada contexto cultural.

⁶⁴ Justus, 8.

⁶⁵ Justus, 8.

⁶⁶ Aqueles que se originaram do combate da Guerra de Canudos, descrito por Euclides.

⁶⁷ Justus, 8.

⁶⁸ Ehlke, 9.

⁶⁹ Jouve, 22.

Ainda, antes de concluirmos essa nossa exposição da recepção, dos sentidos construídos pelos leitores do CCEC, não poderíamos deixar de registrar que nos artigos, por nós estudados, verificou-se o elogio, tanto do livro, quanto do seu autor.

O livro foi considerado possuidor do mesmo quilate de outros livros da literatura mundial, e para aqueles leitores, “está sendo comprado aos livros exponenciais da literatura universal. “Don Quixote”, “A Divina Comédia” as obras de Shakespeare, porque sublimes, viverão eternamente, e com elas “Os Sertões”⁷⁰.

Todos esses indícios nos proporcionaram a possibilidade, primeiramente, de compreender um pouco mais sobre o universo histórico-cultural no qual se encontravam aqueles sujeitos históricos, os leitores do livro de Euclides. Proporcionaram-nos também o conhecimento dos registros, dos significados e das leituras realizadas por aqueles leitores. Em segundo lugar, depois de nossos estudos, da leitura, no sentido de interpretação, de nossas fontes, nos possibilitaram construirmos nossas interpretações dos significados, da recepção que teve o livro *Os Sertões*, no período já especificado, por alguns dos leitores daquela instituição, o qual, na seqüência, lhes será apresentado.

Considerações finais

Esse trabalho foi, para nós, um primeiro contato com a história do CCEC, da cidade Ponta Grossa/PR. História que está para ser contada. Alguns historiados já iniciaram esse trabalho, como por exemplo, os pesquisadores do grupo de pesquisa “*Centro de Estudos em História da Leitura, do Livro e da Biblioteca*”, porém, as fontes e os registros que sobreviveram ao tempo e que cuidam da história até o momento em que passamos a conhecê-la e interpretá-la, esperam por aqueles se sentem atraídos pela temática da história da leitura.

Na presente proposta pudemos compreender um pouco mais sobre a realidade na qual foi escrito *Os Sertões*. Sobre a obra, ainda naquele primeiro momento, condensamos algumas informações pertinentes, no que dizia respeito às características, na proposta que o livro trouxe, de transmitir aos leitores um pouco da cultura do sertanejo nordestino brasileiro.

Tanto o autor, Euclides, como seu livro, *Os Sertões*, não estiveram isolados no tempo e no espaço, outros sujeitos históricos, fizeram parte do contexto da produção da obra em questão, trata-se do campo literário. Centramos nossos

⁷⁰ Faris A. S. Michaele, “Euclides da Cunha, Artur Ramos e Gilberto Freyre,” *O Tapejara*, set. 1952, 11-12.

estudos na tentativa de compreender como o escritor posicionou-se naquele campo e como sua obra foi recebida, naquele primeiro momento.

Apresentado o autor e a obra, nossa preocupação, num segundo momento, foi a de apresentar o CCEC, mesmo que brevemente, enfatizando que a instituição, tanto constituiu um modo de organização, como também objetivou refletir sobre algumas questões, como já haviam feito instituições como o IHGB, por exemplo, e a própria Academia Brasileira de Letras. Não poderia ter ficado de fora toda a questão que envolvia a nacionalidade, assunto que foi motivo de muitos debates entre os membros do CCEC.

Entre os membros do centro estava um número bastante expressivo de intelectuais para os quais a prática de leitura, como tentamos evidenciar, foi valorizada e incentivada. Das leituras que se realizaram naquele período por alguns membros do centro, algumas delas ficaram registradas no Tapejara, jornal da instituição. Entre aqueles registros, os que se referiam às leituras realizadas do livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, patrono do CCEC, eram maioria.

Dispondo daqueles registros, na terceira parte, objetivamos encontrar indícios que nos revelassem como foi recebida e quais foram os significados construídos da obra de Euclides da Cunha, por alguns leitores de Ponta Grossa, membros do CCEC.

O livro de Euclides recebeu o significado de possuidor de verdades. Foi recebido como se contivesse a verdade, principalmente, nos assuntos relacionados à nacionalidade do povo brasileiro, que teve como personagem emblemático o sertanejo descrito por Euclides.

Se a obra era possuidora da verdade, então talvez, contivesse, para aqueles leitores, não só a chave para a defesa da nacionalidade do povo brasileiro, como também para a compreensão dos problemas sociais do Brasil, uma vez que denunciava uma série de injustiças, principalmente contra os sertanejos nordestinos, legítimos brasileiros.

Uma segunda significação que identificamos foi a de que os membros do CCEC compreendiam que um dos significados de *Os Sertões*, era o de que nele, circulavam idéias, mesmo que algumas vezes não fossem muito bem compreendidas, porém, quem as identificasse, estaria adquirindo também cultura, pois daquelas ideias é que se nutria a cultura necessária aos brasileiros.

Na interpretação e significação daqueles leitores, o texto, escrito por Euclides, depois de editado no formato de livro, adquiriu um significado, não somente de um texto bem escrito ou de uma obra-prima, da genialidade de seu autor, mas a de monumento. Um monumento que tinha um objetivo bem explícito de tornar-se imortal, permanecer por todo o sempre, presente na vida dos leitores, principalmente, nos futuros leitores, para que conhecessem e reconhecessem a importância daquele livro.

Nosso enfoque foi na leitura realizada pelos membros do CCEC, do livro de Euclides. Um dos estudos que nos forneceu a base para nossas interpretações foi o realizado por Vicent Jouve. Nos escritos desse autor, que estudou a leitura pelo viés da estética da recepção, foi ressaltado a importância que os sentimentos desempenham na recepção de um determinado texto. Esses sentimentos podem ser, por exemplo, de afeição para com a obra, ou pelo contrário, de rejeição.

Esses, evidentemente proporcionam uma recepção diferente da que é proporcionada por aqueles. Nos artigos que estudamos não percebermos a presença desses últimos, porém, os sentimentos que permitem uma identificação foram percebidos. Como escreveu um daqueles leitores, na leitura que ele realizou, pode sentir “a dor daqueles sertanejos”.

O livro de Euclides, também foi identificado como uma epopéia e até como um livro de medicina legal. Epopéia, pelo fato de abordar a realidade do sertanejo, de relatar a luta dele pela sobrevivência na região dos sertões e posteriormente, a batalha contra o exército republicano.

Já referente à significação de ser um livro se não completamente, pelo menos, parte dele, de medicina legal, é uma leitura bastante específica, que pode ser decorrente de outras experiências de leitura, do leitor que significou o livro de Euclides daquela maneira. Como argumentamos, os sentidos, ou a construção deles, pertencem ao imaginário de determinados indivíduos de um período específico, num contexto cultural específico.

No nosso caso, aquele cenário histórico no qual estavam os leitores do CCEC, possibilitou-lhe receberem o livro *Os Sertões* e construírem esses significados específicos que identificamos.

Em posse de alguns dos significados construídos pelos leitores, de Ponta Grossa, do livro de Euclides, membros do CCEC, podemos interpretar e sugerir que a imagem que fizeram do livro, foi que ele era um livro monumental, que soube abordar as questões que envolveram a nacionalidade, que colocou em cena o “verdadeiro” Brasil, representado pela personagem do sertanejo nordestino, brasileiro.